

DEVOÇÃO POPULAR EM CATALÃO: “SANTO ANTERO”

JACIELY SOARES SILVA, MÁRCIA PEREIRA SANTOS

Resumo:

O presente artigo tratará da história de Antero da Costa Carvalho que foi martirizado e morto em Catalão-GO na década de 1930. Antero foi acusado de assassinar Albino Felipe, rico fazendeiro da cidade. Ele não recebeu julgamento formal, foi preso e retirado por jagunços e populares da cadeia, sendo linchado e morto. Tal episódio foi o início da santificação popular de Antero, pois proporcionou não mesmo a imagem de mártir da cidade. Nossa problematização relativa à história de Antero parte, especialmente, da noção de cultura popular e se inspira nas noções de imaginário e religiosidade popular, tendo como pano de fundo a discussão sobre memória coletiva. Assim, buscaremos identificar como essa memória foi elaborada e fixada em lugares e narrativas sobre a vida e morte de Antero, questionando a construção de certo imaginário e discurso que fundamentam a crença no santo.

Palavras-chaves

Cultura Popular, Devoção, Catalão.

Abstract

This paper will address the history of Antero da Costa Carvalho which was “martirizado” and killed in Catalão-GO in the 1930. Antero was “accused” to murder Albino Felipe, a rich farmer from the city. He received no formal judgment, he was arrested and removed from the jail, by “jagunços” and popular citizens, being lynched and killed. This episode was the beginning of a popular sanctification of Antero once it provides to him on image of martyr to he city. Our questioning in the history of Antero begins, especially in the notion of popular culture and is inspired by the motions of both imaginary and popular religiosity, having as background the discussion on collective memory. Thus, we will seek to identify how this memory was established and attached in places and narratives about life and death of Antero, questioning the construction of a certain imaginary and discourse that underlie the belief in saint.

Keywords

Popular Culture, Devotion, Catalão

A cidade de Catalão no século passado foi testemunha de um crime que não permaneceu apenas nos arquivos públicos da cidade, mas ganhou espaço e valor na memória da sociedade. Seu enredo se dá em um contexto de violência, hegemonia de grupos sociais ricos e de concorrência política. Foram por esses três caminhos que a história e a repercussão da morte de Antero passaram. Essa trajetória permitiu que sua imagem de homem fosse, a partir da flagelação da qual fora vítima, elevada a categoria de santo popular da cidade. Sendo assim, o objetivo desse artigo é analisar a dinâmica da religiosidade popular, partindo desse caso específico. Para isso, selecionamos a cidade de Catalão-GO, como espaço de estudo de santidade popular, pensada em novas roupagens construídas pela memória coletiva, como fenômeno seletivo, optando pela figura de Antero da Costa Carvalho, antigo morador da cidade como protagonista da história que aqui interessa.

A história de Antero se inicia com sua vinda para a cidade de Catalão na década de 1930. Não se sabe ao certo o que o trouxe à cidade, mas segundo descrição feita pelo jornal “Diário de Catalão” (2009) através de relatos colhidos junto à população local, Antero era farmacêutico prático, – ofício comum para época, boa parte das pessoas que exerciam tal prática, teriam adquirido por meio de experiências cotidianas, sem, contudo, estudarem numa instituição oficial –, era também jornalista e poeta e veio para Catalão aos 34 anos de idade.

Segundo o escritor Cornélio Ramos (1997), Antero chegou a Catalão por indicação de sua mulher, Amélia Nazar, natural da Síria e ex-moradora de Catalão. Em tese sua vinda se deu por causa de alguns conflitos com moradores de Campo Alegre-GO e por problemas com a Justiça local, os quais não se têm como especificar. Ao chegar a Catalão foi acolhido pelo grupo situacionista. Aos poucos Antero foi conquistando espaço e confiança dos moradores, logo a fama de bom farmacêutico cresceu dando-lhe prestígio. “Seu nome começou a crescer passando naturalmente a empanar o brilho de outros, a constituir uma ameaça” (Diário Dito e Feito, 2002).

No ano de 1936, a cidade de Catalão é testemunha do assassinato de Albino Felipe do Nascimento, de 78 anos de idade. Rico fazendeiro da região, casado pela segunda vez com uma jovem senhora, ele foi morto em emboscada no local denominado Pedra Preta, caminho que seguia para chegar a sua casa na fazenda. O crime abalou toda a cidade, já que, Albino era conhecido por todos, e por não ter, segundo a fala de seu filho João Albino do Nascimento, nenhum problema ou negócios mal resolvidos com ninguém¹.

Ao tratar em seu livro sobre o assunto, Cornélio Ramos, nos diz que os instrumentos policiais e judiciais eram frágeis para a solução do crime. Com um

emaranhado de pistas e suspeitos, os quais se perdiam no ar, haja vista, também, as questões políticas dominantes que cada vez mais pressionavam as autoridades legais por uma solução para o crime. O primeiro suspeito apontado como autor do crime foi o filho de Albino Felipe, fruto de seu primeiro casamento, João Albino. Este foi preso pelas autoridades locais, que em busca de uma confissão o torturou por três dias, entretanto, não confessou o crime. A segunda opção como mentor do crime recai sobre Antero

Havia uma coisa que favorecia indicação do seu nome [Antero]: a dívida que tinha para com o fazendeiro, a liberdade com que contava para entrar e sair da estância, a amizade que devotava à família, deliberadamente deturpada por pessoas maldosas, o fato de o invejado poeta não possuir parente aqui; que se dispusesse a defendê-lo, ou posteriormente pudesse reclamar justiça, seu relacionamento com Chico Prateado, que era seu cobrador (RAMOS, 1997, p. 106).

Seguindo esse raciocínio, Ramos nos aponta outra possibilidade que justificaria a ocorrência do crime cometido por Antero, uma possível traição da mulher de Albino Felipe com Antero. Ambas as possibilidades constituem um emaranhado de suposições, dúvidas e medos, que ainda giram em torno da família de Albino.

Em busca de um culpado, a família de Albino manteve uma escolta formada por jagunços e amigos a fim de prender o criminoso. Como já apontado, num primeiro momento, o filho dele, João Albino do Nascimento fruto do primeiro casamento foi incriminado. Posteriormente, de acordo com textos já publicados sobre o assunto, relatos e testemunhas, o cenário do crime muda, as acusações recaem sobre Antero². Dessa forma, ele foi preso juntamente com o jagunço Chico Prateado, suspeito de ser executor do crime a mando de Antero.

Após certo período, os policiais não conseguiram obter do suspeito a confissão, o que aparentemente irritou ainda mais a família de Albino, a qual almejava por justiça, esta enfurecida tencionou fazer 'justiça' com as próprias mãos, e sem nenhuma objeção do suposto criminoso, ou mesmo das autoridades locais, muitas pessoas invadiram a cadeia e arrancaram Antero da cela.

Amarraram-lhe uma corda ao pescoço, ataram suas mãos e o levaram pelas ruas aos empurrões e pontapés. Durante a caminhada, ele levou inúmeras espetadas de faca pelo corpo. A intenção era fazê-lo sofrer bastante, num sadismo abominável (RAMOS, 1997, p. 107).

No dia 16 de agosto de 1936, Antero caiu morto após seu suplício. Percorreu parte das ruas de Catalão, sem que alguma autoridade lhe socorresse. Sua morte foi comemorada pelos jagunços com bebidas, acrobacias e gargalhadas. A festa varou a noite com tiros e carreiras de cavalos pelas ruas da

cidade. Caiu pela última vez no final da rua principal, hoje denominada Vinte de Agosto, próximo a saída da cidade, em direção à cidade de Goiandira-GO. Ao passar diante da casa do então Prefeito Anízio Gomides, teria lhe pedido socorro, o que, obviamente, lhe foi negado. Em meio à cena, pedia ao filho de João Albino, que também havia sido torturado anteriormente, pois fora acusado do crime, sua presença, porque queria lhe contar um segredo; mas o chefe dos jagunços, que comandava o sangrento crime, não permitiu tal encontro. O mesmo jagunço acabou com sua vida numa facada certa no peito.

É interessante notar que tal episódio nos remete, em princípio, a dois critérios de santificação de pessoas no imaginário popular: um primeiro, parte da própria Igreja Católica, o martírio sofrido por Santos e Santas, que expressaram suas convicções e por isso foram alvos das mais diversas atrocidades e mantiveram firmes em seus propósitos de castidade³ e fidelidade ao Cristo, não se sujeitando ao que a sociedade os impunha. Um segundo critério, seria a imitação de Cristo, o que, no caso de Antero, aparece no caminho percorrido por ele que, segundo a analogia de Ramos é uma via crucis, tecendo narrativamente a comparação entre Antero e Cristo.

Cornélio Ramos (1997) ao tratar sobre a história da cidade, dedica um capítulo de seu livro ao caso de Antero. Seguindo uma perspectiva de sofrimento, morte e santificação, desenvolve uma escrita dando como mérito final a trágica morte de Antero e sua elevação a condição de Santo e, portanto, como realizador de milagres.

A crença geral é de que o mártir santificou-se. São diárias as orações em sua capelinha e no seu túmulo, presentemente bem cuidados por populares que contam com os dedos da mão, um por um, os culpados pelo massacre, todos eles castigados pela justiça divina (RAMOS, 1997, p. 109).

Apesar de toda a violência, o crime que teve sob acusado Antero da Costa Carvalho, nunca foi esclarecido. O mistério continua bailando no ar através do tempo.

Como já mencionado, a história de Catalão, tal como é contada especialmente pelos historiadores locais, itinerantes ou acadêmicos aponta que a cidade se desenvolveu num ambiente de violência. Matar alguém, seja por motivos banais, vinganças, ou quebra de “contratos”, não era algo anormal à sociedade catalana das primeiras décadas do século XX.

Sendo assim, o que mais instigou essa discussão sobre o caso de Antero como possibilidade de refletir sobre a memória e a história de Catalão foi a repercussão que tal episódio ganhou, a ponto de fomentar, no imaginário popular da sociedade, a elevação de Antero à categoria de santo popular, atribuindo-lhe curas e milagres de várias proporções. Partindo dessa

perspectiva o objetivo é, a partir das fontes catalogadas, analisar a riqueza da construção de um 'mito'. Tais fontes nos auxiliarão na compreensão da apropriação coletiva do crime como marco de memória do lugar e a compreender os caminhos trilhados para a construção da crença popular no 'santo' Antero.

Peter Burke (2010) vê a cultura como tudo aquilo que proporciona sentido a vida e que está alicerçada num sistema de significados, atitudes e valores. Essa representaria a história das ações da vida cotidiana, onde a mesma é tratada como um sistema com limites muito indefinidos. Já a cultura popular é tudo aquilo que foge do oficial, que caminha na órbita da 'não-elite'. Dessa forma, faz necessário pensar a cultura popular na perspectiva das classes 'menos favorecidas'.

Entretanto, o termo cultura não deve ser pensado no singular e seu sentido foi ampliado por historiadores e outros intelectuais, a fim de que dialogassem com seus interesses de pesquisa. Assim

[...] seguindo o exemplo dos antropólogos, historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade [...], a história da cultura inclui agora a história das ações ou noções adjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou "senso comum" agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século para outro, que é "construído" socialmente e, portanto requer explicação e interpretação social e histórica (BURKE, 2010, pp. 22-23).

Dessa forma é quase impossível delimitar um sentido estrito para o termo cultura, porém os historiadores deveriam se preocupar em distinguir os valores e símbolos da cultura, onde quer que esses estejam, pois esta não se encontra estanque no tempo, passa por significações e (re) significação, logo, há uma mudança constante no conceito. Sendo assim, nossa perspectiva é entender a cultura de forma histórica.

É interessante notar que o caso de Antero segue a um emaranhado de mistérios e mitos que ganharam ampla dimensão no imaginário popular e, portanto, pode ser pensado a partir das considerações de Burke sobre cultura. Até hoje o crime é alvo de especulações e medos. Ainda se questiona – aqueles que guardam na memória tal fato – o que de tão importante Antero insistentemente cogitou contar a João Albino, muitas especulações foram feitas a esse respeito, todavia, nunca se chegou a uma conclusão.

Um fato importante e que ganhou notoriedade na sociedade catalana foi o de Antero atrair olhares de reprovação e ciúmes de determinadas lideranças políticas da cidade, pois sua reputação de carismático e auxiliador do povo lhe daria a chance, em curto prazo, de ser eleito prefeito de Catalão. Aptidões estas, que foram exaltadas após sua morte.

A partir desse episódio, é preciso compreender quais são os pré-requisitos para que se atribua a alguém a imagem de santo, já que, os ‘santos populares’ em sua grande maioria não se enquadram no perfil canônico de santificação católica. É por esse caminho que buscamos compreender: por quais perspectivas a santidade popular trilha; como a mesma se estabelece e se alimenta no imaginário popular e como essas crenças religiosas, que dão vozes a narrativas embriagadas de vivências e experiências particulares ganham força no cotidiano de dada sociedade, crenças, essas, carregadas de diversidade, que fazem parte de uma teia de significados e enriquecem o mundo, como afirma Clifford Geertz, (1989).

Assim, analisaremos os lugares que fazem menção a história e ‘santificação’ de Antero, apropriando-nos desses como fonte de estudo das condições que o elevaram a categoria de santo. Para o momento, limitamo-nos a análise de bilhetes encontrados na capelinha construída em sua homenagem e seu a túmulo localizado no Cemitério Municipal de Catalão. Lugares de devoção onde são deixados os pedidos e pagas de promessas pelos devotos, além de bilhetes, velas, flores, e outros objetos, ou seja, rastros deixados pelo passado e pelo presente que expressam a transformação de Antero em santo popular.

Para Roger Chartier (1988), quando trilhamos o território da história cultural devemos observar que o objeto de estudo é o homem e as imagens que ele constrói e reconstrói de si e do mundo ao longo de sua história. Assim, o homem é portador de um conjunto de significados aos quais está amarrado. A cultura, para Geertz (1989) funcionaria como pertencente ao público constituindo-se, pois, em uma teia de significados partilhados por um determinado grupo. Cabe ao pesquisador mediante sua leitura descrever de forma densa o que ele vê. E mesmo que essas significações sejam complexas, as mesmas estão interligadas uma a outra. Portanto, a cultura deve ser vista como um imenso mosaico, cada peça fundamental sendo complemento uma para a outra. E deve ser pensada historicamente à medida que também o tempo intervém nesse emaranhado de significados que perpassam os grupos e suas significações comuns.

Os objetos de estudo que tomamos como fonte para o caso de Antero foram o túmulo e a capela, pois são esses os lugares que carregam em si, não apenas a história de um crime, mas vestígios de uma história e de uma memória, contada e recontada ao longo dos tempos, as quais passam por modificações e (re) significações particulares a cada um que a conta. É interessante notar que mudanças ocorreram nos relatos ouvidos, ‘lições de vida’ foram e são manifestas, pois dialogam com a vivência de quem os conta, mas o desfecho de todas culmina com a santificação de um homem⁴.

Dessa forma, o 'poder' de ler o 'outro' ultrapassa a estampa do que este 'outro' pretenda expor, existem sinais e contextos a serem observados que compõem muito mais do que é visto e está posto. A observação constitui a operação da história, que nos permite interpretar a sociedade e a cultura do outro.

Partindo desses pilares, cabe entender, segundo a fala de Luciene Dias⁵, que a humanidade é pautada por meio da linguagem, da comunicação, seja esta falada, ou através de símbolos, os quais possuem um arcabouço de sentidos. Sendo assim, a linguagem, seja ela qual for, possui um emissor, a uma mensagem e um receptor. A comunicação é uma troca de significados, de informações. Todo signo possui um significado e um significante, ele tem sentido quando o outro e/ou nós damos sentido a ele, sendo que, este sentido não é apropriado de forma igual por todos, cada qual o 'lê' de maneira particular. Portanto, a comunicação entre o pesquisador e o outro observado é produzida mediante os significados. Existe uma necessidade de dar sentido às coisas e de compartilhá-las, já os signos são constituídos de representações, que no processo de pesquisa e interpretação serão apropriados por pesquisadores. Existe algo muito além do que está exposto, dessa forma, cabe ao pesquisador aproximar os elementos o máximo possível, pois se trata da cultura também como forma de dar sentido ao mundo.

As sociedades mais tradicionais possuem em seus mitos significados comuns, produzidos pelo grupo com vivências e experiências semelhantes. Estes significados são elaborados para uma possível explicação, ou mesmo, para responder questões que fogem a órbita natural das coisas, perspectiva essa, levantada por Émile Durkheim (1989). Na busca de conhecer as religiões, o autor tende a pesquisar e entender as religiões dos povos primitivos, acreditando que são elas que trarão a ele resposta para as questões da atualidade em que pesquisa. Durkheim chega à conclusão que todas as religiões saíram de uma 'matriz', todas carregam em seu corpo características comuns, são elas: o sobrenatural, a divindade, as crenças e ritos e a magia. Assim, deste modo, o princípio de cada religião e crença passaria pelo prisma do que anteriormente mencionamos, todavia, foram apropriados, (re) pensados e (re) elaborados; novas leituras foram feitas, novas vidas vividas, mas mudando-se e transformando-se com o passar dos tempos.

Durkheim nos fala que o sobrenatural era o 'natural' nesses povos, não havia ciência para ridicularizar suas crenças, a religião era sua ciência. Portanto, não havia a concepção de milagre nesses povos, pois estes eram simplesmente fenômenos a serem apreciados e vivenciados. Para o autor, foi a ciência que trouxe a complexidade das coisas.

Se percorrermos a história do cristianismo antigo, notaremos a ausência de representações de divindades, sua prática era vista como pecado diante do 'Deus criador', e se manteve assim nos primeiros séculos. A mudança ocorreu necessariamente por influência da tradição grega no século IV. Começou-se a decorar com ícones os lugares de culto, logo, a Igreja Católica, mesmo por um longo tempo condenando tal prática, se apropriou de tal, tendo como principal representação, a imagem de Cristo.

A adoração a santos difundiu-se durante a Idade Média eram vistos como protetores pelos fiéis. Os artistas cristãos representavam os santos e cenas evangélicas, atingindo toda a cristandade. Nos últimos séculos do período medieval, gradativamente, foi ocorrendo uma apropriação clerical sobre o culto dos santos, dando ao papa o poder único de canonização, doravante só Roma é que teria o poder de se pronunciar sobre a santidade de um servo de Deus e de autorizar que lhe fosse erigido um culto litúrgico. Para Sofia B. Gajano:

A santidade no Ocidente Medieval constituiu um fenômeno considerável, de múltiplas dimensões: fenômeno espiritual, ela é expressão da busca do divino; fenômeno teológico, ela é a manifestação de Deus no mundo; fenômeno religioso, ela é um momento privilegiado da relação com o sobrenatural; fenômeno social, ela é o fator de coesão e de identificação dos grupos e das comunidades; fenômeno institucional, ela está no fundamento das estruturas eclesiais e monásticas; fenômeno político enfim, ela é um ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder. Pode-se, conseqüentemente considerar a santidade o lugar de uma mediação bem sucedida entre o natural e o sobrenatural, o material e o espiritual, o mal e o bem, a morte e a vida (GAJANO, 2006, p. 486).

Isso implicava na ampla dimensão que a santificação de uma pessoa assumia socialmente. É claro, no caso do santo popular é preciso levar em consideração a inexistência teológica e institucional de seu culto, pois o mesmo não se dá segundo as diretrizes de santificação oficial do catolicismo. Talvez a relação maior entre o santo popular e o santo oficial seja a sua pertença a uma memória coletiva de dada sociedade e período histórico. Ou seja, é preciso interpretar a santificação popular também como fenômeno histórico que se dá dentro das experiências vivenciadas por uma comunidade. Nesse caso, também é necessário tomar o santo nos seus cultos populares, os quais também podem ser interpretados à luz da santidade medieval, haja vista, a santidade nesse momento histórico ser caracterizada pelo surgimento de festas e ritos, culto às relíquias dos santos, peregrinações associadas a Cristo e aos santos. Tais peregrinações tornaram-se força motora que ganhou espaço e simbolismo no imaginário cristão, passando a ser a explicação da santidade e, muitas vezes o que transforma um sujeito em santo.

As crenças populares, herdeira do cristianismo português, inserem-se no Brasil com um novo corpo e dinâmica. São devoções que percorrem a

imaginação popular, com um caráter próprio e particular de prática e de significado do sagrado. Como característica, as religiões populares reconhecem e atribuem a pessoas ‘comuns’, ou àquelas que não se inserem no padrão canônico de santificação a imagem de santo.

Foi por esse caminho que o catolicismo popular ganhou força no Brasil. Decorrente da falta ou pouca presença do clero oficial, em vilarejos, pequenas cidades e zonas rurais, agravadas pela imensidão do país, o poder eclesiástico teve muita dificuldade, ao longo da história de suprir a demanda. Dessa forma, o catolicismo ganhou uma nova roupagem, à medida que o povo elaborava sua crença com práticas e cultos particulares de cada região. Os santos populares foram reinventados ainda mais.

Devido a essas características pode-se dizer que o campo religioso popular brasileiro apresenta-se com uma multiplicidade de crenças e de trajetória do sagrado. A santidade popular pode ser entendida como um fenômeno representativo das crenças e tradições religiosas que se redimensionam, à medida que foram e que são experimentadas de formas diversas, haja vista a constante mudança e ressignificação da santidade.

Em todo o país, inúmeros são os casos de devoção aos santos e santas cuja canonização não passa pelo cânon católico oficial, mas sim pelo crivo da experiência popular. Como por exemplo, podemos citar no Nordeste do Brasil o Padre Cícero e Frei Damião; em Goiás a Santa Dica, entre outros. Esses santos e santas ganham sentido e representação no espaço no qual se inserem, a cultura popular. Via de regra a santificação popular vê na história particular de cada santo elementos como virtudes que os caracterizam como santos populares de modo que passam a associá-los à função de proteção. Assim, foi se cristalizando, no imaginário religioso uma coletânea de vidas martirizadas, piedosas, caridosas, nas quais os milagres e a resignação diante dos sacrifícios tornaram-se elementos fundantes da construção dessa santidade.

Tal fenômeno não se restringe apenas a cidade de Catalão, mas abrange todo território nacional. Um exemplo é o que ocorreu na cidade de Uberlândia – MG na década de 1960 com a propagação do culto a João Relojoeiro, um santo popular. Iara Toscana (2004) nos apresenta João Relojoeiro desde o momento em que foi apontado como mentor de um assalto a uma relojoaria, passando pelas contradições decorrentes aos processos-crimes e as torturas que sofreu por parte de policiais, políticos e proprietários da loja em que o crime ocorreu. E por fim, sua morte nas mãos dos torturadores. A partir daí, tece-se uma teia de significações que dão relevo à construção do imaginário social que forjou tal saga. A autora faz uma descrição de João Relojoeiro como ‘homem’ e como ‘santo’, buscando compreender como representações são dispostas e dão

sentido ao mundo, gabaritando-o a um lugar de destaque na memória coletiva e o caracterizando como santo no imaginário popular.

As histórias de Antero em Catalão e de João relojoeiro em Uberlândia se apóiam no martírio sofrido pelo homem como condição essencial de sua santidade. É na leitura feita através da dor sofrida do homem ‘inocente’ que este é gabaritado a ascender ao patamar de santo popular. Após o martírio outras marcas e características vão sendo acrescentadas pelo coletivo e passam a percorrer o território do imaginário e das crenças populares, dando a esses homens, um título de santo e o poder de realizar milagres. Mesmo não sendo reconhecidos pela hierarquia da Igreja Católica seus devotos não os vêem menor ou inferior que os santos já canonizados pela instituição.

Santos populares, como os mencionados acima, ou mesmo os santos canonizados pela Igreja Católica em seus cultos populares, se enraizaram, de tal maneira, na memória coletiva que se formou um panteão de santos para auxiliar em diversas situações que exigem a presença do milagre: desde problemas corriqueiros, como a busca de emprego, a aprovação em vestibular, a curas milagrosas.

Essa característica do culto ao santo, no nosso caso ao ‘santo Antero’, pode ser encontrada em bilhetes deixados na capela que o homenageia. Em sua grande maioria, os bilhetes dizem respeito a problemas de doenças, situação financeira e sentimental, entre outros. Os pedidos descritos seguem um padrão coletivo e popular de relação entre o devoto e o santo, a promessa e o cumprimento da mesma, respeitando a forma e o pedido feito por cada devoto.

A relação estabelecida nos bilhetes deixados na capela destinada a Antero, entre o devoto/santo/pedido dá-se sempre na crença de Antero ser capaz de resolver tal problema por ter passado pelo martírio e, sofrido aqui na terra, um mal comparável ao sofrimento de Cristo, o filho humano de Deus.

Em busca de conhecer vestígios da crença desenvolvida em torno da figura de Antero, encontramos dois locais de culto que o remetem à imagem de milagreiro: o túmulo localizado no Cemitério Municipal de Catalão-GO e a capelinha, construída no local onde, segundo a história popular conta, Antero morreu após o martírio. Esta capela ficou conhecida como um ‘santuário’ e recebe devotos, pagadores de promessas e curiosos do caso que não se identificam como devotos do santo.

Esses lugares de devoção, que podem também ser tomados como lugares de memória, na acepção proposta por Pierre Nora (1993), constituem espaços propícios para se saber como determinada sociedade se apropria das relações estabelecidas entre seus sujeitos e as crenças que professam. É interessante observar que essas devoções não estão estanques no tempo. Atravessam os séculos, crescendo e se reinventando, mantêm-se e continuam atraindo aos

santuários, ou mesmo, aos lugares ditos sagrados, milhares de pessoas por diversos motivos, muitas vezes, diferenciados pela própria historicidade das necessidades populares.

Em visita feita ao túmulo de Antero, em 2010, tivemos as seguintes experiências: no primeiro contado ao chegar ao Cemitério não sabíamos onde se localizava o túmulo. Na tentativa de encontrá-lo perguntamos a um casal que limpava um túmulo de família, logo souberam com exatidão nos informar. O túmulo se destacava dos demais, nele encontramos uma cruz rudimentar e réplicas de instrumentos de torturas. Estava ornamentado com vasos de rosas e com vestígio de várias velas que, a pouco, haviam sido queimadas. Observamos, nesta experiência, que o túmulo de Antero é conhecido pela maior parte da população.

O fluxo de pessoas que visitam o túmulo aumenta de forma significativa no dia de Finados quando os devotos vão ao local prestar sua devoção, entregar pedidos e agradecimentos a Antero. Nesta ocasião o túmulo chama a atenção pelas réplicas dos instrumentos utilizados para torturá-lo e também por estar adornado com coroas de flores, velas, bilhetes e fotografias que expressam o chamado 'pagamento de promessas' pelos devotos. Percebe-se, assim, que as práticas constituem manifestações públicas de devoção. Notamos que também os não devotos passam e param no túmulo de Antero, pois este é remisso a um passado que causa curiosidade e admiração, mesmo àqueles que vêm ali, não o túmulo de um santo, mas sim, um túmulo de uma vítima da crueldade humana.

O túmulo de Antero é um dos mais visitados do Cemitério Municipal. As pessoas que por ali passam têm por ele verdadeira adoração, pois o mesmo é visto como a morada de um santo. O 'culto' a Antero realizado no túmulo é um culto restrito, mas ainda, que esse 'culto' se apresente de maneira privada ou individual, ocorre em espaço público e coletivo, portanto é remissivo a uma memória e a um imaginário coletivo.

Em outra visita encontramos a capelinha do Antero localizada à Rua 20 de Agosto. Deparamo-nos com ela fechada, não sabendo a quem recorrer só nos foi possível fotografar o seu exterior. Numa segunda tentativa tivemos êxito, encontramos um senhor, vizinho do terreno da capelinha, que é um dos responsáveis pela manutenção da mesma. Sem restrições ele nos cedeu à chave, deixando-nos ir a sós ao local. Neste momento fotografamos o seu interior, percebendo que ali continha vasos com flores, estampas de outros santos, restos de velas e objetos de pagas de promessas, como fotos, perna de cera, roupas, como nos havia dito o zelador da capelinha. Esses objetos contam a história da crença em Antero ao nos conduzir à memória que o perpetua.

É importante falarmos que essas crenças percorrem o caminho da dádiva conforme nos afirma Marcel Mauss (2008). O santo, necessariamente, não pede

uma troca pelo milagre feito, todavia, o devoto sente-se na obrigação de retribuir de alguma forma a dádiva recebida, ou mesmo, o objeto que ‘comprova’ a graça alcançada. Em uma breve conversa com o zelador do local⁶, este nos perguntou o que pretendíamos fazer com as fotos colhidas, indagando-nos se estávamos fazendo e/ou cumprindo promessas, já que, é costume essa ocorrência. Foi nessa conversa que o senhor nos mostrou vários bilhetes destinados ao Santo Antero escondidos numa cruz, nesses encontravam-se pedidos das mais diversas ordens.

Quando nos deparamos com detalhes e bilhetes da capela, entendemos que estes constituem mecanismos de relação e ‘conversa’ entre o devoto e o santo, possuindo, portanto, um caráter de sagrado. A presença da cruz, símbolo máximo do sofrimento de Jesus Cristo, remete ao sofrimento de Antero, cuja interpretação popular dá a conotação de flagelo / martírio, o que justifica a crença e o culto ao santo popular. Dessa forma, esses objetos e bilhetes tomam a forma de imagem do santo, à medida que “A imagem é testemunha da intervenção do santo, do reconhecimento do devoto e do desejo deste de comunicar a bênção recebida” (TORRES-LONDONO, 2000, p.253).

A relação estabelecida entre devotos e santos ocorre através de pedidos e agradecimentos, presentes nos bilhetes deixados na capela. Essa relação entre o devoto e o santo não se enquadra num padrão canônico cerimonial. A relação ocorre informalmente por meio dos pedidos de bênçãos e pelas pagas de promessas, caso o milagre seja alcançado.

Dos bilhetes selecionados, segue abaixo trechos, transcritos, de pedidos e agradecimentos encontrados na capela construída em homenagem a Antero:

Antero Carvalho da Costa eu te pesso 2 pedido para os problemas da oripa que ela melhora a doença que esta a atormentam e ela e tambem peso que age ou encosta ela ou apozentar nss conto com 1 milagre seu quando acontecer eu vou te agradece.

Antero! Interceda por mim E meus filhos, juntos ao Pai! Me dando Saúde, paz e Vitória
Cure meu [desenho de um coração] e minha Vida! Amém. Curam Johnathan Bianca.

Por favor. Ore, quem pegar nesta foto Poe ai dentro Por gentileza Diego P. da Silva
Peço a cura dele Para o Antero⁷.

Os pedidos e agradecimentos caminham em diversas esferas, em especial pelo desejo de manter o vínculo com o santo, dando-lhe o reconhecimento das graças recebidas. Assim, cria-se a dinâmica de sempre agradecer os santos para poder sempre contar com eles.

É fácil notar que existe no meio das crenças populares certa familiaridade entre o 'santo' e os devotos, e entre devotos e outros devotos. Pode-se dizer que a rápida propagação da adoração ao santo se dá devido ao reconhecimento, na visão de seus devotos, de seu 'poder' e capacidade de realizar milagres e prodígios, por estarem perto de Deus.

Fazer uma promessa ao santo é mais que fazer um pedido, constitui-se um compromisso com o mesmo. A relação estabelecida entre devoto/santo, não se encerra com a dádiva recebida, mas com a retribuição do devoto ao santo. Dessa forma, quando o devoto 'paga' a promessa ele salda uma dívida, porém não cancela a relação pessoal, pois sempre que necessário esse pacto será restabelecido com novas petições e novas retribuições.

Os santos locais, sendo eleitos pelos moradores, constituem-se numa pertença da cidade e não dos altares eclesiásticos. Dessa forma, o significado da santidade e da relação entre o santo e o lugar é uma leitura específica dos moradores da cidade. Portanto, o 'santo próximo' pode realizar o desejo do devoto mais que o canonizado, já que faz parte da mesma comunidade de relação e memória.

O episódio da morte de Antero ficou marcado na memória da população catalana como um crime cruel e, mais que isso, injusto, já que nunca se comprovou a culpa do martirizado. Essa condição de vítima da crueldade e da injustiça humana, bem como o perfil de homem bom e generoso, pode ser compreendido como um dos motivos que levaram o personagem a se transformar num mártir de Catalão.

Gloraci M. de Souza (2002) fez uma entrevista com o senhor J. R. S, coveiro e vigia do Cemitério Municipal, e transcrevemos aqui parte dessa entrevista:

A gente que trabalha nesse serviço, aqui no cemitério, vê cada coisa... mas também a gente senti a fé das pessoas pelo Antero. Teve vez da gente tê que rapá com enxada a cera das velas, prá que o povo pudesse botá mais vela prá queimá pro Antero. Antigamente, o povo tinha receio de fazê isso, mas de uns tempos pra cá tá dimais.

Sabe, não é só gente miúda que vem aqui rezá não; tem gente da alta, que eu já vi, que vem ai durante o dia, chora, reza, ajoelha, poe vela quemá, bota óculos escuro e sai de cabeça baixa. É a fé e os problemas são se nós tudo... Não tem essa de te dinheiro e não tem problema fia. (p. 16)

Observa-se, assim, a amplitude que o culto a Antero adquiriu na cidade, respondendo às demandas de uma cultura assentada na crença à santidade. Ressaltamos que, nesse caso, o caráter popular do santo remete muito mais a uma percepção de como o culto foi elaborado e é vivenciado, do que, necessariamente o que seria a cultura própria das classes populares. Como bem salienta Carlo Ginzburg (1987) a cultura popular transcende os muros das

classes, grupos e tempos, pois historicamente circula como concepção de mundo.

As formas de culto a Antero, observadas no cemitério, também são encontradas na capela, construída no local da sua morte. Observa-se que ao longo dos acontecimentos e do tempo houve uma mudança de percepção da população sobre Antero. De um assassino digno de linchamento passa a ser lembrado como um poeta e jovem farmacêutico que teve sua vida ceifada em plena juventude por forças maléficas que dominavam a cidade no passado.

Também, a própria cidade de Catalão, no passado, tomada como uma cidade violenta foi sendo reconfigurada em cidade redimida pelo culto àquele que foi vítima de sua barbárie passada. Com isso é possível pensar a santidade de Antero em meio a vários caminhos e trajetórias interpretativas, como um construto que reuni um conjunto de narrativas significativas dos seus devotos, os quais atribuem sua santidade ao seu martírio, mas também, a própria transformação da sociedade de violenta em pacífica.

O caso Antero, na memória popular que o mantém, é comparado ao martírio que Cristo sofreu. A trajetória de sua morte e as seções de torturas que foi submetido favoreceu para que se desencadeasse toda uma crença popular que faz do santo um exemplo de vida, pois é o justo sacrificado pela maldade humana.

Os sujeitos recorrem ao sagrado a fim de solucionar os problemas da vida ordinária. A figura histórica de Antero se tornou um desses símbolos sagrados, que pode ser interpretada, segundo Durkheim (1989), pela idéia de que a morte diviniza, sendo os primeiros seres sagrados os mortos.

No decorrer da pesquisa foram notados, por meio do imaginário popular, rastros que nos auxiliaram a entender como uma pessoa dita comum se alicerçou na memória de uma cidade como um santo, e como a mesma, ganhou significado na construção da história da região.

Os personagens cultuados pela religiosidade popular no Brasil, dificilmente pertencerão ao panteão de santo oficial católico e nem mesmo pode-se dizer se se aproximam de um processo canônico, contudo, são reconhecidos e legitimados como santos por seus devotos e suas práticas devocionais.

Maria Clara T. Machado (2000) na busca de estabelecer a discrepância existente entre a religião oficial e a religião popular pontua que enquanto a primeira se estabelece como mediadora, ancorada no mistério, abolindo a imaginação e demarcando limites a serem respeitados, a segunda faz uso da imaginação e do sensível, se configura mediante a prática de representação e devoção próprias da comunidade de relação com santo popular.

A religiosidade foge do campo intelectual, do inteligível acadêmico, já que é impossível sua materialização. Sua explicação se funde através da lógica do sobrenatural, ou seja, aquilo que caminha na contramão da ordem normal dos acontecimentos, além de constituir uma espécie de válvula de escape das classes populares, ante as injustiças sociais do cotidiano. O historiador, assim pode ver a cultura popular como ponto de entrada particular na cultura e na história das sociedades, pois como mantenedora de uma memória é remissiva a experiência dos homens no tempo.

Referências

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand do Brasil, 1988.

CORREIA, Iara Toscano. *Caso João Relojoeiro: um santo do imaginário popular*. Uberlândia: Edufu, 2004, p. 240.

DAVID, Solange R. de Andrade. *Um estudo de religiosidade popular: "Santo" Menino da Tábua*. Assis, 1991. Dissertação (Mestrado)- FCL - UNESP, 1991.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Diário de Catalão, Catalão, 20 de agosto de 2009. (Jornal Diário).

Dito e Feito, Catalão, agosto de 2002. (Jornal Semanal).

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. 2ª ed. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus, 1989.

GAETA, Maria Aparecida J. V. *"Santos" que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira*. Mimesis, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In LE GOFF, Jaques e TRUONG, N. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Trad. M. F. Peres. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In:_____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Luís Palacín; FAYAD, Chaul; BARBOSA, Juarez Costa. *História política de Catalão*. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice / Ed. dos Tribunais. 1990.

LE GOFF, Jacques. *O Homem medieval*. Lisboa, Presença, 1989.

_____. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Religiosidade no cotidiano popular mineiro: crenças e festas como linguagens subversivas*. História e Perspectiva, Uberlândia, nº 22, p. 215-225– JAN./JUN. 2000.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Ed.: Edições 70 - Brasil, 2008.

MELLO, Maria do Rosário de. *Santo Antero: o assassinato de Antero da Costa Carvalho no imaginário popular de Catalão*. 1999, 58f. Trabalho de conclusão de curso - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 1999.

RAMOS, Cornélio. *Catalão: poesias, lendas e história*. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997.

SANTOS, Márcia P. dos. Duarte, Teresinha M. A escrita hagiográfica medieval e a memória dos santos e santas católicos. In: *Anais do Fazendo Gênero N. 9: Diásporas, diversidades e deslocamentos*. Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf. Acesso em março de 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. *Percursos da memória em terras de história: problemáticas atuais*. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória (Re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001.

SOUZA, Gloraci M. de. *Antero: homem ou/e Santo?* 2002. 65f. Trabalho de conclusão de curso - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2002.

TORRES-LONDONO, Fernando. *Imaginaria e devoções no catolicismo brasileiro*. Notas de uma pesquisa. São Paulo, 2000. pp. 247-263.

NOTAS:

¹Fala do depoente contida no Inquérito Policial, arquivado no CEDEC, UFG – CAC, datado no dia 17 de junho de 1936.

² Sobre o tema indicamos as leituras de: GOMES, Luís Palacín, FAYAD, Chaul, Juarez Costa Barbosa. História política de Catalão. Goiânia: Editora da UFG, 1994; RAMOS, Cornélio. Catalão: poesias, lendas e história. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997; MELLO, Maria do Rosário de. Santo Antero: o assassinato de Antero da Costa Carvalho no imaginário popular de Catalão. 1999, 58f. Trabalho de conclusão de curso - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 1999, SOUZA, Gloraci M. de. Antero: homem ou/e Santo? 2002. 65f. Trabalho de conclusão de curso - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2002.

³ Ao utilizar a palavra “casta” não se remete unicamente à vida longe dos prazeres sexuais da carne, mas, num sentido mais amplo da palavra, em que, muitos desses “santos” rejeitavam a se sujeitar a vida mundana. Seu corpo era objeto de culto ao Divino, dessa forma, sujeito a praticar a caridade, a honestidade, a submissão e humildade. Já as desventuras que eram sujeitas, as aceitava sem objeção.

⁴ Relatos ouvidos informalmente durante a visita ao túmulo e capela de Antero.

⁵ Fala da Prof^a. Doutoranda Luciene Dias – UFG, durante o mini-curso “Comunicação e imaginário social”, no II Simpósio de Ciências Sociais da UFG: Cultura, Imaginário e Poder, pela instituição UFG - Campus Catalão, durante o mês de setembro de 2010.

⁶ A pedido do senhor zelador, seu nome não será citado.

⁷ Segundo o zelador, que voluntariamente é responsável pela limpeza e manutenção da capela, o número de visitas no local é grande, tendo seu número elevado consideravelmente em novembro no feriado do Dias do Finado, sendo, necessário de tempos em tempos limpar a capela descartando os bilhetes velhos para abrir espaço para os novos.